

# LEITURA CRÍTICA DA LITERATURA INFANTIL

Maria do Rosário Longo MORTATTI<sup>1</sup>

- **RESUMO:** Mediante problematização do movimento histórico de constituição da literatura infantil como campo de conhecimento e a partir da hipótese de que a superação de sua condição de menoridade encontra-se diretamente relacionada com a assunção, por parte dos pesquisadores interessados, de uma atitude interdisciplinar decorrente das inexoráveis relações entre a produção de literatura infantil e a situação de formação (escolar) do leitor previsto, o objetivo destas notas é apresentar uma proposta de leitura crítica dos textos do gênero, como contribuição para o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas que visem à construção da identidade específica desse campo de conhecimento e à conquista do reconhecimento da legitimidade de seu estatuto acadêmico-científico.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Literatura infantil; leitura crítica; configuração textual.

Não era mais uma menina com um livro:  
era uma mulher com seu amante.

Clarice Lispector

## **Isto ou aquilo: a literatura infantil como campo de conhecimento**

Literatura infantil<sup>2</sup> é um campo de conhecimento relativamente recente, no Brasil. Sua gênese encontra-se nas esparsas e episódicas tematizações – no formato de prefácios de livros e artigos em periódicos –, produzidas entre o final do século XIX e início do século XX, sobre livros para crianças adaptados, traduzidos ou escritos por brasileiros, especialmente para leitura escolar. Ao longo da primeira metade deste século, mediante publicação de livros de caráter ensaísta, manuais de ensino e alguns artigos, vão lentamente se destacando tematizações sobre um gênero subsumido nessa produção de livros para crianças: a literatura infantil.

A partir dos anos de 1970, intensifica-se a produção científica sobre o gênero, responsável pela emergência, na cena acadêmica, de um campo de conhecimento específico, processo para o qual concorrem, dentre outros: a gradativa inserção e institucionalização da literatura infantil como matéria de ensino e/ou disciplina em currículos de licenciaturas em Pedagogia e Letras – a exemplo do que já vinha

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista – UNESP/Marília.

<sup>2</sup> Devido aos objetivos deste texto, estarei utilizando a expressão genérica “literatura infantil” para designar os textos literários destinados a um público não-adulto, independentemente da superespecialização classificatória, hoje em voga, que faz distinções entre “literatura infantil”, “literatura infanto-juvenil” e “literatura juvenil”.

ocorrendo no curso normal –; a organização de entidades e projetos – governamentais ou não –, grupos acadêmicos e de pesquisa, seminários e congressos relativos à discussão de problemas e propostas concernentes à leitura e a literatura infantil; e, sobretudo, a expansão dos cursos de pós-graduação acompanhada de uma crescente produção acadêmica divulgada sob o formato de teses/dissertações, artigos especializados e livros<sup>3</sup>.

Dentre os inúmeros aspectos observáveis ao longo desse movimento de constituição do campo, destaco sua oscilação histórica entre inserir-se na área de Letras ou de Educação, a qual encontra-se influenciada pela oscilação correlata no movimento de constituição da produção *de* literatura infantil brasileira, de acordo com determinada versão da história do gênero no Brasil, produzida especialmente a partir das contribuições pioneiras de Leonardo Arroyo, posteriormente retomadas e ampliadas por outros sujeitos de discursos acadêmicos especializados sobre o gênero, que se foram configurando especialmente no âmbito das áreas de Letras e de Educação.<sup>4</sup>

Apresento a seguir uma síntese dessa versão, priorizando os aspectos que interessam mais diretamente para os objetivos destas notas.

As origens da literatura infantil brasileira encontram-se sobretudo na literatura didática/escolar, que, entre o final do século XIX e início deste, começou a ser produzida de maneira sistemática por professores brasileiros, com a finalidade de ensinar às nossas crianças, de maneira agradável, valores morais e sociais assim como padrões de conduta relacionados com o engendramento de uma cultura escolar urbana e necessários do ponto de vista de um modelo republicano de instrução do povo. Esse “pecado original” somente começou a ser enfrentado na década de 1920, com a produção do escritor Monteiro Lobato – e especialmente com a publicação, em 1921, de *Narizinho arrebitado*, quando, articuladamente à expansão e solidificação do mercado editorial, tem início um processo de autonomização da literatura infantil em relação a suas origens didáticas/escolares, mediante a priorização programática de seu efeito estético e sua função de deleitar. Sobretudo a partir dos anos de 1970, com o chamado *boom* da produção de livros para crianças e jovens, tem-se – a despeito da persistência da literatura infantil de caráter pedagogizante e de qualidade questionável – a consolidação dessa tendência esteticizante da literatura infantil brasileira.

Dessa versão recorrentemente retomada por outros pesquisadores, pode-se depreender como uma das características apontadas na produção *de* literatura infantil brasileira sua oscilação entre gênero didático ou gênero literário e o correspondente esforço de superação do didatismo em favor da literaridade. Para esse esforço contribui

---

<sup>3</sup> Dados e reflexões mais detalhados a respeito do movimento de constituição desse campo de conhecimento encontram-se em: Magnani, M. R. M. (1998).

<sup>4</sup> A esse respeito, ver, entre vários outros: Arroyo (1968); Zilberman & Lajolo (1986; 1989).

especialmente a produção acadêmica a partir do final dos anos 80 no âmbito dos estudos literários, com sua forte tendência normatizadora sobre a produção de literatura infantil, decorrente de uma perspectiva evolucionista da história do gênero, segundo a qual a condição de maioria da literatura infantil brasileira deve ser aferida e/ou construída de acordo com parâmetros de esteticidade extraídos da produção literária “para adultos”, ou simplesmente, da literatura, sem adjetivos.

Essa versão tem contribuído – muitas vezes de maneira indireta, mas com a força de “mito da criação” – para o engendramento, no nível do campo de conhecimento, de uma oscilação derivada daquela e, muitas vezes, de uma identificação desabonadora – embora sofismática – entre menoridade do público previsto, menoridade da literatura a ele destinada e menoridade do campo de conhecimento correspondente.

De acordo com pesquisadores da área de Letras que se dedicam ao estudo da literatura infantil, a produção *sobre* o gênero deve inserir-se, sobretudo, nessa área, onde se encontram tanto os métodos adequados para a abordagem da identidade especificamente *literária* dos textos de literatura infantil – secundarizando-se e mesmo desconsiderando-se as questões relativas ao qualificativo *infantil* – quanto os sujeitos autorizados para a produção de um discurso especializado, com seus correspondentes valores e finalidades sociais e científicos. Mas não sem disputas internas: em decorrência da menoridade do leitor previsto, essa literatura e seu estudo são tidos também como menores e pouco nobres, por muitos dos demais pesquisadores da área.

Pesquisadores da área de Educação, por sua vez, vêm cada vez mais se dedicando ao estudo da literatura infantil, enfatizando suas possibilidades de aplicação no processo de ensino-aprendizagem escolar e utilizando métodos e procedimentos da pesquisa em educação, especialmente os que correspondem aos objetivos de intervenção na prática pedagógica. Priorizam-se, nesse âmbito, as questões relativas ao qualificativo *infantil* do gênero e sua condição de “instrumento agradável” para o “ensino útil”, na grande maioria dos casos secundarizando-se e mesmo desconsiderando-se as discussões acerca da literaridade e esteticidade,<sup>5</sup> situação de que resulta certo descrédito dessas pesquisas especialmente por parte dos pesquisadores da área de Letras.

Em síntese, no movimento de constituição desse campo de conhecimento (à semelhança do que ocorre na produção *do* gênero), sua identidade específica passa a depender do lugar de onde falam os sujeitos autorizados dos discursos especializados assim como dos valores e finalidades sociais e científicos que imputam aos estudos sobre gênero. A oscilação vem sendo assumida como um impasse, que, constantemente reiterado e tido como suposto, dificulta o avanço e alargamento do

---

<sup>5</sup> Processo semelhante de instrumentalização dos textos de literatura infantil pode ser observado em pesquisas desenvolvidas, com menor intensidade, em áreas como Psicologia e Biblioteconomia.

campo assim como a produção necessária de uma história, teoria e crítica específicas da literatura infantil (brasileira).

### **Isto e aquilo: um ponto de vista sobre literatura infantil e seu estudo**

Por literatura infantil entendo um conjunto de textos – escritos por adultos e lidos por crianças – que foram paulatinamente sendo denominados como tal, em razão de certas características sedimentadas historicamente, por meio, entre outros, da expansão de um mercado editorial específico e de certas instâncias normatizadoras, como a escola e a academia.

No caso brasileiro, especificamente, trata-se de um gênero literário, cuja origem está diretamente relacionada com a organização de um aparelho escolar republicano e com certas concepções de infância, segundo as quais a criança – leitor previsto para o textos do gênero e responsável pelo qualificativo *infantil* – é um ser considerado “sem voz” e “em formação”.<sup>6</sup> Para ser crescimento integral, necessita submeter-se: ao processo de escolarização, enquanto prática sociocultural mediadora entre o mundo adulto e o infantil;<sup>7</sup> e à aprendizagem da leitura, enquanto prática sociocultural mediadora entre os textos produzidos por adultos com finalidades de formação e seus leitores infantis.

Em decorrência dessa condição de origem, tem-se uma unidade múltipla determinadamente constitutiva do gênero – simultaneamente literário e didático –, a qual implica reconhecer que os termos *literatura* e *infantil* não se encontram em relação de oposição, mas de complementaridade, embora indiquem hierarquização semântica constitutiva de sua natureza: substantivamente *literatura*, cujo atributo qualificativo é *infantil*. Nesse sentido, o impasse recorrentemente apontado em relação tanto à produção *de* quanto à produção *sobre* literatura infantil torna-se falso e pouco produtivo, uma vez que sua assunção obriga o pesquisador a fazer opção ou pelo primeiro ou pelo segundo termo da expressão “literatura infantil” – desconsiderando o termo excluído – e a reduzir o objeto de investigação a um de seus aspectos constitutivos, de que decorre seu enquadramento em uma das duas principais áreas de conhecimento envolvidas: Letras ou Educação.

A construção da identidade específica desse campo de conhecimento demanda, portanto, uma atitude interdisciplinar, por parte dos pesquisadores interessados, sobretudo quando se entende que a tarefa primeira do pesquisador é explicar para compreender e, assim, contribuir para tomadas de decisão por parte dos cidadãos interessados em buscar soluções para os problemas culturais brasileiros.

<sup>6</sup> Etimologicamente, *infância* se relaciona com os vocábulos latinos *infantia* — meninice, falta de eloquência, dificuldade em explicar-se — e *infans* — mudo, que não fala, não eloquente. Sobre as diferentes concepções de criança, em particular aquela de ser “em formação” que necessita ser educado e instruído, ver, especialmente: Ariés, Phillipe. (1978); e Badinter, Elisabeth. (1985).

<sup>7</sup> A esse respeito, ver Arendt, Hannah. (1979).

Este é, a meu ver, o real problema a ser enfrentado no âmbito desse campo de conhecimento. Mas como abordar a literatura infantil de um ponto de vista interdisciplinar, se a formação do pesquisador é, quase sempre, especializada? Como proceder a fim de se contribuir para a produção de uma história, teoria e crítica específicas da literatura infantil brasileira? Como proceder para a conquista do reconhecimento da legitimidade do estatuto acadêmico-científico desse campo de conhecimento ainda emergente?

### Uma proposta: a análise da configuração textual da literatura infantil

A pesquisa sobre literatura infantil demanda a leitura de textos do gênero. Ou seja, do ponto de vista aqui proposto, o estatuto acadêmico-científico desse campo de conhecimento está diretamente relacionado com a produção de uma crítica específica de textos de literatura infantil, mediadora e suporte para a produção da história e teoria também específicas do gênero.

Mas a leitura demandada para esse fim exige do pesquisador uma relação com os textos de literatura infantil que vá além da relação primordial de envolvimento de qualquer leitor com o conteúdo de um texto ou do julgamento prévio de acordo certos juízos de valor preestabelecidos; exige a busca de distanciamento crítico, que parte da pergunta “*por que gostei (ou não)?*” – ou sua variante: “*por que devo gostar ou não?*” – e busca analisar a configuração textual, conceito operativo que permite abordar, de um ponto de vista interdisciplinar, a identidade específica dos textos do gênero, ou seja, sua unidade múltipla determinantemente constitutiva.

Enquanto lugar da enunciação e produto da interação verbal, o texto é o objeto da leitura. É no texto – produto de trabalho discursivo e intersubjetivo no nível simbólico – que a língua se configura em sua “concretude”<sup>8</sup>. É o texto o “território comum do leitor e do interlocutor” (Bakhtin, 1981, p. 113). É o texto a unidade de sentido. Formulado de outro modo: o texto é a materialização de um projeto (discursivo), concebido, executado e avaliado por um sujeito que, a partir de certas necessidades, movido por certos objetivos, sobressaltado pelas contingências e mediado pela linguagem, em determinadas condições históricas e sociais, escolhe – dentre as possíveis e conhecidas – as opções de dizer/escrever o que precisa escrever para outro(s).

Dessa perspectiva, o que confere singularidade a um texto é o conjunto de aspectos constitutivos de sua configuração textual<sup>9</sup>, a saber: as opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturais-formais (como?) projetadas por determinado autor (quem?), que se apresenta como sujeito de um discurso produzido de determinado

---

<sup>8</sup> A esse respeito, ver, entre outros: Geraldi, J. W. (1992); e Orlandi, Eni P. (1987).

<sup>9</sup> Para uma expansão do conceito de configuração textual e suas possibilidades de aplicação, ver, especialmente: Magnani, M.R.M. (1993; 1995; 1997); e Mortatti, M. R. L. (1999).

ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê?) e visando a determinado efeito em determinado tipo de leitor previsto (para quem?), assim como a circulação, utilização e repercussão logradas pelo projeto do autor ao longo da história (de leitura) do texto.

Aplicado ao estudo do texto de literatura infantil, esse conceito se aproxima da proposta de “crítica integradora” de Antonio Candido (1995) e oferece fecundas possibilidades de exploração desse tipo de texto, sem se desconsiderar sua identidade específica.

Em todas as fases do processo de leitura crítica de textos de literatura infantil, a atividade do pesquisador – o ato investigativo – é um ato de interpretação, que envolve necessariamente a constitutividade e mediação da linguagem e, em decorrência, dos processos de ler e escrever, ou seja, envolve a produção de significados e sentidos, desde os processos de recuperação, reunião, seleção e análise do *corpus* até a produção do texto final da pesquisa. E todo ato de interpretação, enquanto síntese, demanda a análise integrada dos aspectos constitutivos de determinado texto, a fim de que o pesquisador possa reconhecê-lo e interrogá-lo como configuração textual “saturada de agoras” (Benjamin, 1985) e “objeto singular e vigoroso” (Starobinsky, 1988, p.135); e dele produzir uma leitura possível e autorizada, a partir de seus próprios objetivos, necessidades e interesses, ou seja, a partir de seu necessário envolvimento.

Evidentemente, todo ato interpretativo, enquanto atividade discursiva, é construção de uma representação, a partir da problematização de outras representações construídas e tomadas como *corpus*, mas que não devem ser confundidas com o objeto de investigação, uma vez que não são “dados” e “só falam, quando se sabe interrogá-los” (Bloch, 1987, p.60).

Desse ponto de vista, o trabalho do pesquisador não se restringe à recuperação e descrição dos textos do *corpus*. Tampouco se deve reduzir o processo analítico a aspectos isolados da configuração dos textos selecionados, como, por exemplo, aqueles constitutivos de sua “camada mais aparente” (Candido, 1995) – *o quê* e *como* – ou aqueles que remetem à sobredeterminação do contexto histórico ou social – *quando* e *onde* – e suas marcas ideológicas: *por quê* e *para quê*. Dada sua condição de texto verbal escrito, resultado de um tipo específico de atividade de, com e sobre linguagem, os textos não escondem nada “por trás”, não demandando operações de “desvelamento” ou “desnudamento”. Os sentidos e as explicações podem ser “encontradas” dentro da configuração textual, ponto de partida e de chegada do trabalho investigativo.

Por fim, vale lembrar que a pesquisa acadêmica não se encerra antes da produção de um texto (tese, dissertação e similares), que vá convidando o leitor a acompanhar o processo de produção do objeto de investigação e que, da opção por tomar a configuração textual como centro da atividade crítica, decorre uma outra relativa ao

movimento do texto acadêmico, enquanto materialização discursiva e resultado da investigação: à medida que a análise da configuração textual avança e vai demandando explicações, sobressai-se o processo de produção discursiva do objeto, do qual se deduz a interpretação.

Trata-se, portanto, de um ato de interpretação centrado no conceito operativo de configuração textual aqui proposto, com base no qual o pesquisador deve interrogar, neste caso, os textos de literatura infantil na posição de um leitor crítico e distanciado – porque envolvido –, que deve produzir um discurso crítico sobre um discurso literário particular. Para tanto, precisa analisar *todos* os aspectos da configuração textual – utilizando-se também de métodos e procedimentos advindos da crítica e teoria literárias, especialmente, assim como da pesquisa em educação –, o que lhe permite: por um lado, produzir sentidos autorizados que conferem singularidade a determinado texto pertencente ao gênero denominado *literatura infantil*<sup>10</sup> e contribuir para a construção da identidade específica do gênero e do campo de conhecimento; e, por outro lado, contribuir também para o trabalho de professores do ensino fundamental, oferecendo-lhes possibilidades de conhecer outros modos mais fecundos de ler e abordar textos de literatura infantil na escola.

### **Considerações finais**

Mediante problematização do movimento histórico de constituição da literatura infantil como campo de conhecimento, a partir da hipótese de que a superação de sua condição de minoridade encontra-se diretamente relacionada com a assunção, por parte dos pesquisadores interessados, de uma atitude interdisciplinar decorrente do pressuposto da unidade múltipla determinantemente constitutiva do gênero – simultaneamente literário e didático – e com base no conceito de configuração textual, apresentei aqui uma proposta de leitura crítica dos textos de literatura infantil, que pretende ser uma justa contribuição para a busca do reconhecimento da legitimidade do estatuto acadêmico-científico desse campo de conhecimento ainda tão fecundo e promissor.

Espero que tal proposta seja útil para, pelo menos, provocar um debate necessário, cujos maiores beneficiados serão, com certeza, todos os meninos e meninas deste país, que têm o direito de conquista e fruição de felicidades legítimas, como ser amado, comer, morar, brincar e ler, prazerosa e gratuitamente, bons livros de literatura (infantil).

---

<sup>10</sup> Como exemplos de concretização dessa proposta, ver os seguintes textos produzidos por integrantes do Grupo de Pesquisa “História do ensino de língua e literatura no Brasil”: Pinto, A. (1999); Lima, S. C. (1999); e Menin, A. M. C. S. (1999).

MORTATTI, M. R. L. A critical reading of children's literature. **Itinerários**, Araraquara, n. 17, p. 179-187, 2001.

- **ABSTRACT:** *By means of investigating the historic movement at which children's literature was constituted as a field of knowledge and assuming the hypotheses that the overcoming of its minority condition is directly related to the researchers' assumption of an interdisciplinary attitude to deal with the inexorable relations between the production of children's literature and the situation of the educational formation of the implied reader, the aim of this paper is to present a proposal of a critical reading of this kind of text, as a contribution to the development of the academic researches that intend to build the specific identity of this field of knowledge and help it to achieve the recognition of the legitimacy of its academic-scientific status.*
- **KEYWORDS:** *Children's literature; critical reading; textual configuration.*

### Referências Bibliográficas

ARENDDT, H. A crise na educação. In: \_\_\_\_\_. **Entre o passado e futuro**. Tradução Mauro W. B. Almeida. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1979. p.221-47.

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. Tradução Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ARROYO, L. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAKHTIN, M **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução M. Lahud e Y. F. Viera. São Paulo: Hucitec, 1981.

BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: \_\_\_\_\_. **Magia, técnica, arte, política**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 222-32. (Obras Escolhidas, 1).

BLOCH, M. **Introdução à história**. Tradução M. Manuel e R. Grácio. 5. ed. Lisboa: Europa-América, 1987.

CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LIMA, S. C. **Bem do seu tamanho, de A.M. Machado**: a afirmação de um gênero literário. 1999. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1999.

LISPECTOR, C. Felicidade clandestina. In: \_\_\_\_\_. **Felicidade clandestina: contos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. p.7-10.

MAGNANI, M. R. M. Entre a literatura e o ensino: um balanço das tematizações brasileiras (e assisenses) sobre literatura infantil e juvenil. **Miscelânea**, Assis, v.3, p.247-57, 1998.

MAGNANI, M. R. M. **Em sobressaltos**: formação de professora. Campinas: EDUNICAMP, 1993.

MAGNANI, M. R. M. Sobre ensino da leitura. **Leitura**: teoria & prática. n.25, p. 29-41, jun.1995.

MAGNANI, M. R. M. Testes ABC e a fundação de uma tradição: alfabetização sob medida. In: MONARCHA, C. (Org.) **Laurenço Filho**: outros aspectos, mesma obra. Campinas: Mercado de Letras, 1997.

MENIN, A M. C. S. **O patinho feio, de Hans Christian Andersen**: o “abrasileiramento” de um conto para crianças. 1999. Tese (Doutorado) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1999.

MORTATTI, M. R. L. Linguagem, texto e pesquisa histórica em educação. **História da educação**. v. 3, n.6, p.69-78, out. 1999.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 2.ed. Campinas: Pontes, 1987.

PINTO, A. **Literatura descalça**: a literatura “para jovens” de Ricardo Ramos. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

STAROBISNKY, J. A literatura: o texto e seu intérprete. In: LE GOFF, J.; NORA, P. (Dir.). **História**: novas abordagens. Tradução H. Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p.132-43.

ZILBERMAN, R.; LAJOLO, M. **Literatura infantil brasileira**: história & histórias. São Paulo: Ática, 1986.

ZILBERMAN, R.; LAJOLO, M. **Um Brasil para crianças**: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos. São Paulo: Global Universitária, 1989.

